



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

ESCOLA: ESPAÇO DE DISCUSSÃO OU EXCLUSÃO DA DIVERSIDADE SEXUAL?

Autor (1) Lindovon Dias Pessoa; Co-autor (1) Lúcia Temoteo; Co-autor (2) Shérica Orrana

Pereira de Andrade

Lindovon Dias Pessoa

Faculdade Santa Maria, lindovon@hotmail.com

Eixo temático: Gênero, sexualidade e Educação

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo abordar a temática de gênero e diversidade sexual na escola. Embora haja uma iniciativa do governo federal em implementar nas escolas um trabalho que envolva a discussão da sexualidade, o número de escolas que abraçam este programa não é significativo. Percebemos a carência dessa discussão quando chegamos nestes espaços e nos deparamos com professores e alunos não só despreparados, mas de posse de uma gramática preconceituosa e perpetuando práticas sexistas. Este trabalho pretendeu minimizar esta problemática ao levar a discussão sobre diversidade sexual para o interior de uma escola na Paraíba.

METODOLOGIA

Este trabalho trata-se de um estudo de campo com abordagem qualitativa, desenvolvido pelos autores em uma escola de uma pequena cidade do sertão paraibano, cuja temática foi a diversidade sexual. Chegamos à escola munidos de um vídeo, algumas questões a serem colocadas e esclarecidas, e uma certa apreensão de como seríamos recebidos pelos alunos. Estes pertenciam ao nono ano e tinham entre 12 e 15 anos de idade.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Inicialmente explicamos ao grupo a diferença entre sexo e gênero. Em seguida pedimos que cada um se apresentasse dizendo o seu sexo e o seu gênero. Exibimos para eles o documentário “Amanda e Monick”¹ e em seguida discutimos o seu conteúdo.

O vídeo apresenta a estória de duas travestis que vivem em um pequeno município paraibano e a contradição do universo familiar, cultural e social das duas. Monick trabalha na prostituição e usa roupas extravagantes; já Amanda é professora e usa vestes femininas, leves, porém elegantes. Monick usa um linguajar mais popular, fala sem escolher as palavras e utiliza termos próprios do mundo da prostituição; Amanda tem a fala polida e cuidadosa. O universo familiar de Monick é mostrado através de seu relacionamento com uma mulher lésbica e que espera um filho dela. O de Amanda é mostrado através de uma emocionante fala do seu pai, dizendo que sempre soube que a alma de seu filho era feminina e jamais o reprimiu, que o aceita e o ama assim como todo pai deve amar seu filho, independente de sua orientação sexual.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a exibição do filme houve risos por parte dos alunos, e estes foram provocados pela fala descontraída e descompromissada de Monick.

Está provado que o espaço de discussão sempre foi mais utilizado pelos meninos em sala de aula, entretanto, o inverso aconteceu na discussão do documentário. As meninas dominaram o debate, colocando as suas opiniões e dúvidas. Certamente por conta da provocação das meninas no momento da apresentação, os meninos se colocaram mais reservados. Mas esta não é a única explicação, talvez o próprio assunto guarde uma certa intimidade daquela vivida na esfera do privado, e conseqüentemente um lugar onde as meninas transitam com mais propriedade.

Os alunos falaram que na sua escola não haveria espaço para uma professora travesti. Que este assunto jamais foi discutido na escola como também nunca entrou na pauta na convivência familiar. Desconheciam a sigla LGBT e tinham dúvidas sobre a diferença entre homossexual, travesti, transexual, confundindo orientação sexual com identidade de gênero.

¹ O documentário tem a direção de André da Costa Pinto.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Um menino perguntou se o homossexual é sadomasoquista e, ao ser questionado, disse que achava que era pelo fato de todos eles gostarem de sofrer. Isso revela a desinformação e o preconceito dos alunos.

Esta experiência mostra que a discussão sobre gênero e diversidade sexual nas escolas é necessária e urgente, por levantar a seguinte questão: por que razão as escolas recusam-se em trabalhar com questões relacionadas à sexualidade?

Os professores preferem silenciar-se quanto ao assunto e esta ausência de diálogo impede que a escola desconstrua visões errôneas, preconceituosas e discriminatórias a esse respeito. Para Dinis:

Essa ignorância sobre o tema, assim como a presunção assumida por professoras (es) de que a escola só deva discutir assuntos universais, sendo somente a norma da heterossexualidade concebida como natural e universal, exclui a sexualidade de estudantes LGBTTs e faz com que a diversidade sexual e de gênero seja um tema excluído do currículo, mesmo das aulas de Educação Sexual. (DINIS, 2011, p.47)

Este mesmo autor explica que “a dificuldade em falar sobre a diversidade sexual é também uma dificuldade de educadores em conhecer a própria sexualidade e suas múltiplas possibilidades de obter prazer” (2011, p.47). De fato, como falar de algo que para si apresenta-se nebuloso, povoado de interdições e tabus?

Além dessa questão pessoal, a grande maioria dos educadores não recebeu uma formação para trabalhar com a temática. Esses dois fatores concorrem para que não somente o silêncio, mas pequenas manifestações por parte de alguns professores denunciam o caráter sexista do ambiente escolar. Essas manifestações precisam ser questionadas para não correremos os riscos de permanecermos sob os ditames de uma sociedade heteronormativa. Como enfatiza Seffner:

[...] A primeira é a abolição das piadas e das manifestações sexistas, tão comuns entre professores e professoras, acerca dos alunos e das alunas “diferentes” dos padrões heterossexuais ditos “normais”. Não é possível educar num ambiente de falta de respeito, e a agressão – verbal e até mesmo física – tem sido uma arma de expulsão de indivíduos que não se enquadram na regra da heteronormatividade. É necessário construir um ambiente de respeito e aceitação. (SEFFNER, 2009, p.132)



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Este tipo de postura contribui para que o espaço escolar seja palco de práticas homofóbicas, já que lá elas são consentidas e disseminadas. Quando se discute educação sexual, o viés biológico ainda é o mais ressaltado. Dinis (2012) pondera que o resultado é a expulsão e a evasão escolar de estudantes, que expressam identidades sexuais e de gênero diferentes da norma heterossexual.

Alguns adolescentes, devido ao conflito de identidade sexual que o preconceito e a discriminação lhes impõem, comentem suicídio. A situação ainda é mais acentuada quando se trata de travestis, pois, “dificilmente conseguem terminar seus estudos, sendo forçadas (os) a abandonar a escola, já que diferentemente adolescentes gays e lésbicas, têm mais dificuldade em esconder sua diferença.” (DINIS, 2012, p.43). Tornando-se as vítimas mais visíveis dessa violência escolar.

A expressão da homofobia na escola tem sido denominada de *bullying*. “O termo *bullying* tem sido utilizado para nomear a violência sofrida por alunos (as) no ambiente escolar, e o termo *bullying* homofóbico tem sido utilizado para nomear especificamente a violência sofrida por alunas (os) gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais”. (DINIS, 2011, p.42)

Parafraseando Bortolini (2007), Viver entre o novo e o conservador, entre ter os direitos garantidos e a repressão advinda dos preconceitos se dá em todas as relações sociais, em diferentes lugares e momentos, principalmente na escola, configurando-se em um retrocesso social.

CONCLUSÃO

Na nossa experiência em na sala de aula perguntamos aos alunos por qual razão a escola não discute a questão da sexualidade. Uma aluna disse: “é porque (a escola) tem medo de incentivar os alunos”. E esse medo não paira só na escola, mas também nos lares. Ele é alimentado perversamente pelo discurso religioso e homofóbico.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Entendemos que levar a discussão da diversidade sexual para escola exige um esforço compartilhado da escola, da família e da sociedade civil como um todo, além do governo com a implementação de políticas públicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Amanda e Monick. Direção: André da Costa Pinto. Departamento de arte e mídia da UFCG. Documentário. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LqzEAai25cE>>. Acesso em 09 abr. 2015.

BORTOLINI, Alexandre. **Diversidade Sexual na Escola.** Disponível em: <http://www.defensoria.sp.gov.br/dpesp/Repositorio/39/Documentos/diversidade_sexual_na_escola.pdf>. Acesso em 09 de abr/2015.

DINIS, Nilson Fernandes. **Homofobia e educação:** quando a omissão é signo de violência. *Educar em Revista*, Curitiba, n.39, p. 39-54, jan/abr.2011.

SEFFNER, Fernando. **Equívocos e Armadilhas na Articulação entre Diversidade Sexual e Políticas de Inclusão Escolar.** In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.) **Diversidade Sexual na Educação:** problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009. p. 125-140.